

ÍNDICE

Prefácio	9
Apresentação	13
CAPÍTULO I – Liderança	25
CAPÍTULO II – Visão Estratégica	43
CAPÍTULO III – Persuasão	63
CAPÍTULO IV – Autodomínio	81
CAPÍTULO V – Coragem	103
CAPÍTULO VI – Empenho	119
CAPÍTULO VII – Conflito	137
CAPÍTULO VIII – Ordem	153
CAPÍTULO IX – Cooperação	171
Índice das Obras Citadas	189

PREFÁCIO

Tem nas mãos um livro muito estranho. Tão estranho que, depois de ser obrigado a abandonar as ideias iniciais e após desistir de o classificar num dos estilos particulares, só então é que começará a ser mesmo surpreendido.

O que é que os clássicos podem ensinar ao gestor moderno? A resposta tem de ser necessariamente muito interessante. No meio das novíssimas realidades económicas e tecnológicas, os dilemas e decisões que os empresários enfrentam são realmente velhos como o mundo. Os grandes livros da humanidade têm lições milenares preciosas para as empresas de hoje. E são muito mais pragmáticos e comunicativos do que pensam os actuais leitores, limitados à sua dieta de revistas e novelas.

Esta é a inspiração que concebeu este livro. Trata-se de uma orientação com crescente influência nos estudos da Gestão. São já antigos trabalhos como *Leadership Secrets of Attila the Hun* (1990), *The Sir Winston Method* (1991) ou *Sun Tzu and the Art of Business* (1996). No fragor da luta do mercado, cada vez mais os decisores querem usar velhos ensinamentos para obter as vantagens decisivas.

Incluída nesta linha, a presente obra ganha logoem variedade, abrangência e imaginação. Os seus autores não se limitam a um único pensador nem tratam uma área simples da Gestão. Foram antes escolher 22 pequenos trechos de obras marcantes da História do pensamento, retiradas de épocas e circunstâncias muito diferentes, organizando-os em nove grandes temas.

Logo na lista dos capítulos se nota que estamos num livro ímpar. Os títulos escolhidos são temas universais, mais do que tópicos empresariais. Se «Liderança», «Visão Estratégica», «Persuasão» e «Cooperação» constituem assuntos muito debatidos em escolas de Gestão, o «Autodomínio», «Coragem», «Empenho», «Conflito» e «Ordem» vêm de âmbitos muito superiores. Mas o livro nem pestaneja ao recomendá-los aos administradores como elementos dos negócios.

Na forma do tratamento, os autores seguem também uma linha curiosa. Para além dos excertos citados, o corpo do texto inclui os seus comentários, sublinhando as lições mais relevantes. Mas ainda os relacionam com um caso actual, que ilustra a aplicabilidade económica dos ensinamentos. Deste modo, este pequeno volume constitui, simultaneamente, uma colectânea de clássicos, um tratado de Gestão e um livro de casos.

Talvez o elemento mais notório seja, não a variedade de fontes, a originalidade da arrumação e a diversidade de estilos, mas o atrevimento da interpretação. Em todos os trabalhos deste tipo, que se aventuram a aplicar obras antigas aos modernos problemas empresariais, gasta-se muito esforço a tentar justificar o propósito. Mostram demoradamente como o mestre citado se encontrava em condições parecidas com as presentes, e detalham os seus princípios em fórmulas directamente aplicáveis aos negócios.

Aqui, pelo contrário, os autores não estão nada incomodados pelo insólito do exercício. Mais do que isso, antes se divertem a ser sucessivamente mais inesperados e provocadores nos textos e casos citados. O leitor mais treinado não terá, talvez, dificuldade em digerir a relação entre as lideranças de Alexandre Magno, César Bórgia e Steve Jobs ou a visão estratégica de Júlio César, Napoleão e Henry Ford. Estes casos, apesar de originais, ainda respeitam o modelo particular do género. Em breve, porém, vai ver interligados Platão e o Evangelho de S. João como modelos de persua-

são, Adam Smith e a torre de Babel na busca da cooperação, S. Agostinho e Thomas Hobbes na descrição do conflito. Tudo isto relacionado com coisas como o desastre financeiro do Barings Bank, a compra da RJR/Nabisco ou a atitude da Cadbury Schweppes. Mas também será obrigado a considerar como «casos empresariais» os incentivos ao trabalho no «gulag» soviético ou a visita de João Paulo II a Cuba.

Ainda mais surpreendente é a forma como os temas são interpretados. Porque os «ensinamentos» referidos estão longe de ser ortodoxos. Eles incluem César Bórgia a assassinar a sangue-frio um leal colaborador, o capitão Ahab a insultar sem justificação um subordinado enquanto espera a baleia Moby Dick ou um dos textos mais infames do cínico Thomas Hobbes. Não há dúvida que este é mesmo um insólito livro de Gestão!

Isso significa que nenhum leitor lhe ficará indiferente. Não está aqui um daqueles volumes que gostam de embrulhar banalidades em papel colorido e vendê-las como descobertas geniais. Não constitui um conjunto de votos piedosos ou conselhos da avozinha mascarados em «gurus» da Gestão. Temos, pelo contrário, reflexões que vêm da Teoria Política, da Ética e da História, aplicadas à gestão de organizações. Reflexões que, descendo ao fundo dos problemas de uma forma particular e, por isso mesmo, discutível, arriscam uma opinião honesta, em vez de pretenderem seduzir ou decretar oráculos.

Aplaudindo ou revoltando-se, todos os que acompanharem os autores nesta curiosa e curta viagem, podem ter a certeza de serem obrigados também a reflectir. Com eles seguirão «*the long thin delicate thread that had descended from distant antiquity; the thread of that unusual human hobby; the habit of thinking.*» (Chesterton, G. K., *St Thomas Aquinas*, cap. III).